



Universidades Lusíada

Fevereiro, António Francisco Arruda de Melo Cota, 1978-

Antunes, Alexandra Paula de Carvalho, 1971-

Casas Álvaro Machado, no Alto do Estoril, e a azulejaria de José António Jorge Pinto : resumo biográfico e obra

<http://hdl.handle.net/11067/464>

Metadados

Data de Publicação	2013
Resumo	No Alto do Estoril, em 1907, começaram a ser construídas um conjunto de moradias, segundo projeto do arquitecto Álvaro Augusto Machado e com azulejaria do pintor José António Jorge Pinto, onde se aliou a forma com a função, através de um jogo complexo entre planos e grande qualidade estética, além de se terem empregue estilizações nitidamente Arte Nova. Os projetos englobam a moradia para o médico psiquiatra José Caetano Pereira de Sousa e Lacerda, o Bairro das Roseiras para o referido médico...
Palavras Chave	Machado, Álvaro Augusto, 1874-1944 - Crítica e interpretação, Pinto, José António Jorge, 1875-1945 - Crítica e Interpretação, Arte Nova (Arquitectura) - Portugal, Arquitectura portuguesa - Século 20
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] RAL, n. 4 (1.º semestre 2013)

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T10:13:52Z com informação proveniente do Repositório

FEVEREIRO, António Cota; ANTUNES, Alexandra de Carvalho (2012). "Casas Álvaro Machado, no Alto do Estoril, e a azulejaria de José António Jorge Pinto: resumo biográfico e obra". Revista Arquitectura Lusíada, N. 4 (1.º semestre 2012): p. 51-60. ISSN 1647-9009.

CASAS ÁLVARO MACHADO, NO ALTO DO ESTORIL, E A AZULEJARIA DE JOSÉ ANTÓNIO JORGE PINTO: RESUMO BIOGRÁFICO E OBRA

**António Cota Fevereiro¹
Alexandra de Carvalho Antunes²**

RESUMO

No Alto do Estoril, em 1907, começaram a ser construídas um conjunto de moradias, segundo projeto do arquitecto Álvaro Augusto Machado e com azulejaria do pintor José António Jorge Pinto, onde se aliou a forma com a função, através de um jogo complexo entre planos e grande qualidade estética, além de se terem empregue estilizações nitidamente Arte Nova.

Os projetos englobam a moradia para o médico psiquiatra José Caetano Pereira de Sousa e Lacerda, o Bairro das Roseiras para o referido médico e duas moradias para o arquitecto. O percurso que levou à sua original conceção denota um amadurecimento e inovação singulares na obra dos dois artistas, assim como a azulejaria perfeitamente integrada, de forma a realçar as formas arquitetónicas.

A grande maioria da azulejaria empregue nos projectos do arquitecto é da autoria do pintor José António Jorge Pinto, cuja qualidade intrínseca e estética é de grande valor. A obra desenvolvida pelo pintor é vasta e diversificada, alguns exemplares são emblemáticos do período Arte Nova. A definição de um arquiteto Arte Nova encontrou na obra desenvolvida por Álvaro Machado a relação entre o espaço e a volumetria.

A obra desenvolvida pelos dois artistas merece ser valorizada, pelas suas qualidades estéticas únicas, e sobretudo ser dada a conhecer não só no país como no mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Álvaro Machado; Arte Nova; Azulejo; José António Jorge Pinto

ABSTRACT

In Alto do Estoril, in 1907, started the building of a number of homes, according to the project of architect Álvaro Augusto Machado and with tiles by the painter José António Jorge Pinto, where he joined the form and function through a complex trick between plans and a first note aesthetic quality, besides having distinctly Art Nouveau stylizations employed.

The projects include a house for the psychiatrist José Caetano de Sousa Pereira and Lacerda, the Bairro das Roseiras for the same doctor and two houses for the architect. The journey that led to the original conception denotes a natural maturation and innovation in the work of the two artists, the tiling is perfectly integrated so as to highlight the architectonic forms.

The vast majority of the tiles used by the architect in his projects had the participation of José António Jorge Pinto, a painter whose intrinsic and aesthetic quality should be stressed. This painter has a vast and diverse tile work, some of which is emblematic of the Art Nouveau period. The definition of an architect Art Nouveau found in the work developed by Álvaro Machado the relationship between space and volume.

The work developed by the two artists deserves to be valued for its unequalled aesthetic properties and most certainly should be made known at a domestic level and abroad, as well.

¹ Mestre em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. Arquitecto. E-mail: antoniofranciscocotafevereiro@gmail.com

² Doutora em Arquitectura. E-mail: apc.antunes@clix.pt

KEY-WORDS

Álvaro Machado; Art Nouveau; Tile; José António Jorge Pinto

1. INTRODUÇÃO

O complexo e paradoxo século XIX abriu caminho a uma renovação estilística e a novas premissas na arte de projectar arquitectura, cujos novos conceitos iriam ser explorados por arquitectos, construtores civis e artistas. Na obra desenvolvida pelo arquitecto Álvaro Augusto Machado e pelo pintor José António Jorge Pinto estão patentes os novos conceitos de modernidade que caracterizam o movimento Arte Nova a nível internacional, sem contudo descurarem as raízes da cultura portuguesa, mas inovando-a a um patamar de grande qualidade artística e originalidade. O cliché redutor de arquitecto do neo-românico, de certa forma, impediu a análise de parte da sua obra, onde a função se expressa no exterior em volumetria, revelando uma vez mais novos conceitos de modernidade na forma de habitar o espaço. A obra em azulejaria do pintor, na sua maioria desconhecida e pouco divulgada, merece ser dada a conhecer às gerações vindouras, tanto pela qualidade do seu trabalho como pela originalidade, que o tornam num dos grandes pintores na difícil arte da cerâmica.

A complementaridade entre os dois artistas é notável. Há uma simbiose no resultado final, onde a arquitectura e a cerâmica se unem criando um todo indissociável, daí a razão deste estudo onde se analisará o surgimento de duas singulares moradias construídas no Alto do Estoril.

2. ÁLVARO AUGUSTO MACHADO: NOTA BIOGRÁFICA

O arquiteto Álvaro Augusto Machado nasceu na freguesia das Mercês, em Lisboa, a 20 de Junho de 1874, sendo filho de Eduardo José Machado (1854-1907) - considerado um dos maiores cenógrafos do seu tempo. Com o pai aprendeu as técnicas de aguarela e desenho, que se revelam de grande qualidade plástica, assim como os projetos de arquitetura que desenvolveu durante a sua carreira - em que o efeito cenográfico de alguns, aliado a uma certa ilusão de escala, é evidente.

Inscreveu-se, em 1889, no Curso Geral de Desenho, na Academia de Belas Artes de Lisboa, e em 1893 no curso de especialidade de Arquitetura Civil. Terminou o curso com distinção, obtendo várias medalhas de mérito.



Figura 1 - Álvaro Augusto Machado, fotografia sem autor nem data. (Colecção particular)

3. JOSÉ ANTÓNIO JORGE PINTO: NOTA BIOGRÁFICA

O pintor José António Jorge Pinto nasceu a 20 de Setembro de 1875 em Lisboa, freguesia da Lapa; era filho de Pedro José Pinto e de Maria Bernardina de Miranda. O irmão do pai, o pintor Manuel Henrique Pinto, foi membro ativo no chamado Grupo do Leão e grande amigo do pintor José Vital Branco Malhoa. O tio paterno pode ter tido influência na sua entrada na Academia de Belas Artes de Lisboa, onde se matriculou a 7 de Novembro de 1890 no curso de Pintura Decorativa. No mesmo dia da matrícula existe a inscrição de outro aluno no mesmo curso, o pintor Benvindo António Ceia.

Na Academia de Belas Artes de Lisboa foi discípulo de José Ferreira Chaves e José Maria Veloso Salgado, os quais deverão ter sido determinantes para o desenvolvimento pictórico, técnico e temático que deu à azulejaria portuguesa, e sobretudo a grande qualidade artística independente patente nos exemplares existentes.



Figura 2 - José António Jorge Pinto, provavelmente em 1901 ou 1902
(fotografia gentilmente cedida pelo arquiteto Luís José Pinto Borges da Gama, familiar do pintor)

4. OBRAS DA PARCEIRA ARQUITECTO E PINTOR, CONTRIBUTO PARA O MOVIMENTO ARTE NOVA EM PORTUGAL

Álvaro Augusto Machado também, como os demais projetistas, empregou os métodos construtivos oitocentistas, mas o desenvolvimento que deu à volumetria aproximam-no dos novos conceitos na arte de projetar arquitetura que estavam a ser desenvolvidos no resto da Europa. Na sua obra é preciso salientar que nada é meramente decorativo, tudo tem uma função estrutural ou de realce das fachadas dos edifícios que criou.

Na obra de José António Jorge Pinto há uma exímia conciliação entre o tradicionalismo da azulejaria portuguesa e uma inovação estilística, tanto na representação como nos motivos estilizados, segundo o gosto Arte Nova.



Figura 3 - Lambris em azulejo do pintor José António Jorge Pinto no refeitório do Colégio Anne Roussel (Fotografia ACF, Dezembro 2010).

4.1. PROJETOS ARQUITECTÓNICOS E PRODUÇÃO AZULEJAR

A manipulação da forma, a assimetria dos vãos e a adaptação ao território (topografia, pontos cardiais e vistas) entre outros pormenores expressa-se em vários projetos do arquiteto, nomeadamente:

- (1) Typo de habitação moderna (1900, sem local específico, não construído), onde foram ponderadas várias premissas na distribuição interior, custo e fachadas;
- (2) Casa General Gomes de Oliveira (1901, sem local específico, não construído), a distribuição interna é eficaz e o desenho das fachadas é marcado pela assimetria e jogos de sombras estabelecendo o público/privado, através de pórticos e alpendres;
- (3) Casa Júlio César de Mouta e Vasconcelos (1902, Benfica, não construído), neste projeto assiste-se a uma notável manipulação de volumes, avanços e recuos de fachada, que se expressam na originalidade das coberturas. A singularidade do desenho arquitetónico desta moradia denota um certo despojamento e simplicidade, aliada a uma certa sofisticação que é importante realçar. A distribuição dos espaços interiores foram ponderados de acordo com a vivência do proprietário. Anos mais tarde, em 1907, o arquiteto irá desenvolver de forma mais complexa as premissas aqui apontadas;
- (4) Colégio Anne Roussel (1904, Lisboa, Av. da República n.º 13, existente), neste conhecido projeto de Álvaro Machado, onde se deixou levar ao sabor do neo-românico de forma exacerbada, a manipulação das formas peca na sua conjugação, talvez devido à própria dimensão do lote onde o edifício foi construído. O desenho das fachadas foi eficazmente realçado através de faixas em azulejo, autoria do pintor José António Jorge Pinto, cuja sofisticação, simbologia e complexidade de padrões são deveras notáveis. É esta a primeira participação de Jorge Pinto num projeto do arquiteto. Álvaro Machado perde o Prémio Valmor de 1905, onde este projeto esteve em análise, a favor do arquiteto Manuel Joaquim Norte Júnior pelo seu projeto da Casa Malhoa (1904);



Figura 4 - Colégio Anne Roussel em 1908, in Álvaro Machado: *Primeiro Professor de Arquitectura do IST: Exposição do Espólio Doador*.

(5) Casa Sr.^a D. Olympia de Macedo Branco (1905, Lisboa, Av. da República n.º 45, demolido), constitui uma melhor manipulação de formas e sobriedade das linhas arquitetónicas, em comparação com o anterior projeto, condicionado pela exigência de economia na sua construção pela proprietária. O interior dos espaços projeta-se no exterior, assim como os vãos (os do primeiro piso dão a perceção de horizontalidade e quando conjugados, com a varanda do segundo piso, obtém-se a perceção de verticalidade). A entrada principal faz-se através de uma antecâmara, com a fachada principal disposta em ângulo, como na Casa Viscondessa de Valmor (1905), projeto do arquiteto Miguel Ventura Terra. As duas moradias foram projetadas no mesmo ano e foram concluídas em 1906. Em ambas, a distribuição interna dos espaços reflete o modo de habitar burguês, comum a várias moradias na cidade de Lisboa e não só;



Figura 5 - Casa Sr.^a D. Olympia de Macedo Branco. (Fotografia Paulo Guedes, sem data, AFCML PAG000696).

- (6) Sociedade Nacional de Belas Artes (1906, Lisboa, Rua Barata Salgueiro n.º 36, existente), edifício especificamente projetado para albergar duas sedes, a da Sociedade Nacional de Belas Artes e a Sociedade dos Architectos Portuguezes, além de uma grandiosa sala para exposições. O projeto constitui um marco de excelência na manipulação da forma de acordo com as funções interiores, composto por três volumes (um com os serviços administrativos e outro com a referida sala de exposições, unidos por um terceiro com as instalações sanitárias e escadarias). O desenhos de vãos e outros pormenores são característicos do arquiteto, com influências notórias Arte Nova;
- (7) Casa e Atelier de Artista (1906, Algés, Av. dos Bombeiros Voluntários de Algés n.º 13, demolido), para o escultor António Augusto da Costa Mota (Tio) em que há duas versões em projeto. A primeira versão (não construída) engloba a moradia do escultor e atelier, enquanto que a segunda (construída), engloba só a moradia e é uma versão simplificada da primeira. O projeto inicial aproveita inteligentemente o declive do terreno para construir no topo a moradia, enquanto que o atelier se projetaria como um volume perpendicular a esta, aproveitando as caves para armazém do referido atelier;
- (8) Casa Dr. José Caetano Pereira de Sousa e Lacerda (1907, Alto do Estoril, Rua Guiomar Torreção n.º 8, existente), projeto de grande qualidade plástica arquitetónica para o médico psiquiatra e poeta açoriano, no qual o carácter intemporal das suas linhas é de uma modernidade notável. A adaptação ao terreno, em declive, originaram a conjugação complexa de planos e da cobertura como um todo. A apropriação da topografia do lugar foi inovadoramente conciliada com os pontos cardiais (espaços interiores e a sua função subjacente) e vistas, assim como o dimensionamento dos diferentes vãos e a assimetria existente. O volume do Jardim de Inverno (hoje emparedado e descaracterizado) construído em tijolo sílico-calcário, que curiosamente foi amplamente empregue em edifícios industriais construídos pela Vieillard & Touzet, cujas linhas arquitetónicas e frisos têm semelhanças flagrantes com a arquitetura Arte Nova belga e germânica. Nesta moradia é absolutamente necessário salientar a sobriedade, sem descurar uma certa sofisticação, onde foram harmoniosamente integrados pormenores da casa à portuguesa, como os beirados, detalhes e faixas em azulejo, as quais realçam as fachadas e deixam de ser meramente decorativas, também da autoria de José António Jorge Pinto. O padrão em azulejo era composto por pássaros a esvoaçarem por estilizações de flores abstratas e outras figuras geométricas ao gosto Arte Nova. O mobiliário, desenhado pelo arquiteto, estilizado segundo o gosto Arte Nova decorava a antiga sala de jantar, adjacente ao já referido Jardim de Inverno;



Figura 6 - Casa Doutor José de Lacerda (duas perspectivas) em 1910, fotografias de Achilles, in *A Architectura Portuguesa* n.º 6.

- (9) Bairro das Roseiras (1907, Alto do Estoril, Rua Maestro Lacerda, não totalmente construído), foi encomendado pelo referido médico psiquiatra ao arquiteto e seria composto pelas casas do Typo 1, Typo 2 e Typo 3, tendo sido somente construídas estas últimas e que hoje em dia se encontram descaracterizadas. Neste projeto denota-se economia com o intuito de trazer rendimento ao seu proprietário, mas Álvaro Machado contornou eximamente as condicionantes e criou um conjunto notável de quatro

edifícios, que se complementaríamos através do desenho urbano. A distribuição interna dos espaços, criando uma relação público/privado, expressa-se em pátios e corpos que se destacam dos volumes principais dando a percepção de verticalidade e uma certa ilusão de escala. Os detalhes não foram relegados para segundo plano, apesar de serem menos sofisticados que no projeto para o seu promotor, e as faixas em azulejo de novo unificam e realçam as formas arquitetónicas, propondo de novo os mesmos detalhes da casa à portuguesa. A procura das estâncias balneares levaram à construção de outros bairros, também como forma de rendimento pelos seus proprietários, como as Casas Miguel Henrique dos Santos (1900) projeto do arquiteto Miguel Ventura Terra e o Bairro Émile Van Olselen Carp (1913 a 1914) de autor desconhecido, respetivamente no Monte Estoril e São João do Estoril. O primeiro projeto opta pela sobriedade de linhas arquitetónicas e características muito próprias do arquiteto, enquanto o segundo subjugava-se à ortodoxia burguesa, tanto no interior como no exterior, mas ambos são eclipsados pela modernidade e sobriedade desenvolvida no projeto do arquiteto Álvaro Machado, onde há uma vez mais um carácter intemporal e uma notável exploração das formas arquitetónicas;

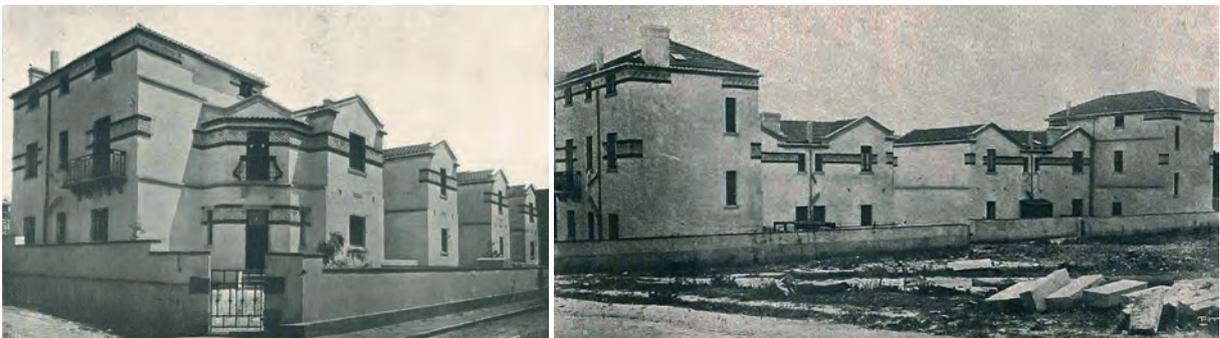


Figura 7 - Bairro das Roseiras (duas perspectivas) em 1910, fotografias de Achilles, in *A Architectura Portuguesa* n.º 7.

- (10) Casas Álvaro Machado (1907, Alto do Estoril, Rua das Flores n.º 4 e 6, existente), são duas moradias, propriedade do arquiteto, dispostas simetricamente num lote de pequenas dimensões e sem vista. A simetria era anulada pelos magníficos painéis em azulejo do pintor José António Jorge Pinto, dos quais só restam os exemplares de uma moradia. O projeto que deu entrada na Câmara Municipal de Cascais, tendo sido aprovado, foi reformulado pelo arquiteto, mas a manipulação das formas arquitetónicas não foram amplamente exploradas como nos projetos anteriores;
- (11) Casa Dr. Avelino Lopes Cardoso (1909, Lisboa, Av. 5 de Outubro n.ºs 56 a 58, demolido), englobava o consultório e residência do seu proprietário, médico pessoal do arquiteto Álvaro Machado. Neste projeto, num lote de comprimento superior à largura, os espaços interiores (salas e quartos) estavam quase todos virados a Sul, aproveitando a incidência solar por motivos higienistas, mas tal deliberação adveio do facto de o lote situado a Sul ter sido ocupado pelos jardins de uma vasta moradia (com garagem, estufa e outros equipamentos complementares) construída em 1906 e mais tarde ampliada e modificada (1908 e 1911), os 3 projetos são de autor desconhecido. No mesmo quarteirão, onde esta moradia foi construída, havia 3 edifícios em lotes com a mesma configuração, ambos construídos por António Gaspar (1904 e 1905), em que a iluminação natural era assegurada por claraboias e pátios interiores. As condições de habitabilidade, assim como a apropriação ao lote, revelam falências notórias em comparação com o projeto de Álvaro Machado. Estas ponderações apontam para uma modernidade na arte de projetar arquitetura inovadoras em Portugal.

4.2. CASAS ÁLVARO MACHADO

A questão da casa à portuguesa surge no seguimento do Ultimatum de 1890, numa época de profunda crise e menosprezo pela identidade cultural nacional, na qual se procurou definir

um tipo de arquitetura de características portuguesas que, assim o entendemos, não existe nem existirá. O principal mentor deste novo conceito foi sem dúvida o arquiteto Raul Lino da Silva, auxiliado pelos principais intelectuais e figuras destacadas da sociedade influente da altura, como a 3ª Duquesa de Palmela (Maria Luísa de Sousa Holstein), a qual oferecerá ao compositor Alexandre Rey Colaço e à escritora Maria Amália Vaz de Carvalho, entre outros, residências de veraneio no Monte Estoril e Cascais respetivamente. A primeira é projeto de Raul Lino (1901) e a segunda do arquiteto José António Gaspar (1903), nas quais se optou pelo vocabulário arquitetónico da casa à portuguesa. Mas tal proliferação nas referidas estâncias balneares, ainda que tímida em finais do século XIX e início do XX, é ultrapassada pela tipologia do chalet, a qual apresenta variabilidades estéticas de acordo com o projetista e cliente.

Contudo é necessário recuar uns anos, até 1893, quando Bernardo Pinheiro Correia de Melo (1º Conde Arnoso, título concedido pelo Rei Dom Carlos I ao seu secretário particular, a 28 de Setembro de 1895), decide construir uma residência de veraneio em Cascais³, nas quais estão patentes características da arquitetura tradicional minhota. O edifício foi justamente enaltecido, pelos seus valores estéticos patrióticos e vivenciais, por José Duarte Ramalho Ortigão, na sua obra *O Culto da Arte em Portugal*, o qual parece ter sido o modelo gerador a seguir por algumas individualidades cultas da sociedade influente e os principais projetistas.

O novo conceito da casa à portuguesa resvalará, no decorrer do século XX, para soluções pouco engenhosas esteticamente, assim como a resolução em planta, culminando em muitos edifícios depreciativamente denominados por *Português Suave*. Mas tal herança também divergiu para várias tendências na arquitetura em Portugal, das quais se destacam: (a) o desenvolvimento dos valores intrínsecos da casa à portuguesa e a integração no território, magnificamente desenvolvidos por arquitetos contemporâneos; (b) a construção de edifícios contemporâneos que ainda utilizam o beirado, socos estilizados em relevo, azulejos de gosto ortodoxo e outros pormenores esteticamente decadentes e repetitivos.

Não sendo nossa intenção divergir em tais assuntos, voltemos de novo ao trabalho do arquiteto Álvaro Machado e às duas moradias que mandou construir para si no Alto do Estoril.

O pedido para a sua construção deu entrada, na Câmara Municipal de Cascais, no dia 25 de Junho de 1907 e aprovado no dia 10 de Julho do mesmo ano, mas o projeto que deu entrada difere substancialmente a nível de fachadas com a versão construída, embora em planta se tenha mantido a mesma distribuição com ligeiras alterações. A sua estadia no Estoril coincide com o levantamento e elaboração dos projetos para o Dr. José Caetano Pereira de Sousa e Lacerda, os quais foram mencionados anteriormente.

Nas moradias não há uma manipulação volumétrica, como já foi referenciado anteriormente, contudo o desenho sinuoso e elegante da chaminé, avanço e recuo da fachada principal, assimetria de fachadas e a colocação estratégica dos painéis em azulejo, entre outras características, permitem iludir o espetador criando uma certa monumentalidade ao conjunto. A entrada principal fica resguardada do exterior, através de um pórtico, criando um contraste luz/sombra e a fachada principal termina no topo em duas trapeiras, com o frontão quebrado na horizontal e beirado.

³ O pedido para a sua construção deu entrada, no dia 5 de Outubro de 1893, na Câmara Municipal de Cascais em nome de Bernardo Pinheiro Correia de Melo de Pindela, num terreno que pertencia ao Ministério da Guerra.

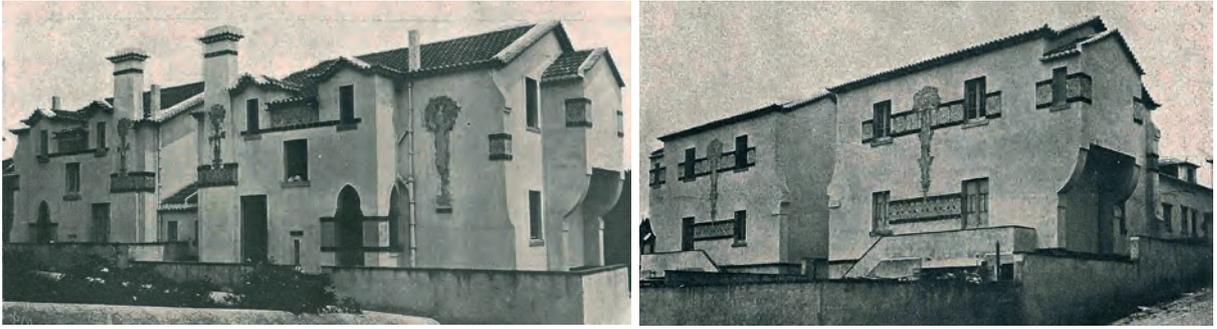


Figura 7 - Casas Álvaro Machado (duas perspectivas) em 1910, fotografadas de Achilles, in *A Architectura Portuguesa* n.º 7).

As duas moradias, de modestas dimensões, complementam-se harmoniosamente através do desenho elegante e simétrico do cunhal na fachada tardoz. O desenho arquitetónico invulgar e extremamente moderno para a altura de ambas, torna-as indissociáveis, e são essas características que as aproximam de outros exemplares da arquitetura Arte Nova belga e germânica, onde se aliou inteligentemente o recurso aos beirados, a extrema simplicidade dos materiais, métodos construtivos, entre outros pormenores, da casa à portuguesa. Além do desenho arquitetónico há outro de extrema importância, onde as influências nacionais e estrangeiras foram igualmente inovadoramente integradas, que são os azulejos da autoria do pintor José António Jorge Pinto (assinados J. Pinto e datados de 1908).



Figura 8 - Casas Álvaro Machado (duas perspectivas) em 1910, fotografias de Achilles, publicadas em *A Architectura Portuguesa* n.º 7).

O recurso aos tons de azul e branco, amplamente empregue na azulejaria portuguesa desde o século XVII até praticamente aos dias de hoje, tornou-se um dos ícones da cultura no nosso país e estes exemplares são definitivamente um dos mais sedutores, invulgares e arrebatadores na obra do pintor e do período Arte Nova português.

O simbolismo subjacente transparece exuberantemente através da maestria e vigor das pinceladas, onde foram representadas figuras humanas, animais, flores, figuras geométricas e outras estilizações abstratas. O recurso a sofisticados padrões e a pinturas etéreas, de onde brota uma extrema delicadeza e uma força emocional humana comovedora, cativam o espetador e é absolutamente necessário proteger este conjunto (classificando-o segundo as normas do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico por exemplo), além de ser dado a conhecer além fronteiras.

5. CONCLUSÃO

Álvaro Augusto Machado e José António Jorge Pinto marcam indubitavelmente o período Arte Nova em Portugal, no qual se assiste a um florescimento e renovação da identidade nacional, cujo mote máximo foi o da casa portuguesa, cultural e não só. A exacerbação dos valores patrióticos, que infelizmente resvalaram para a esterilidade da sociedade e da criação artística nas décadas que se seguiram na Europa, aliada às influências estrangeiras dos principais países, em que o referido movimento atingiu elevada qualidade artística e inovação, encontra na obra desenvolvida pelo arquiteto e pintor uma qualidade ímpar, cuja intemporalidade ainda nos comove e fascina.

BIBLIOGRAFIA

FEVEREIRO, António Cota - Álvaro Augusto Machado, José António Jorge Pinto e o movimento arte nova em Portugal. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2011. Dissertação de Mestrado em Arquitectura.